



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Viva a Revolução SOCIALISTA DE OUTUBRO

QUE ABRIU UMA NOVA ERA
AOS POVOS DO MUNDO INTEIRO

Na História da Humanidade, a Revolução Socialista de Outubro ficará para sempre como o maior acontecimento histórico da nossa era.

Pela primeira vez, a classe operária, classe oprimida e explorada sob o sistema capitalista, lançou-se ao assalto do poder e guiada pelo gran-

de Partido de Lénine abriu aos trabalhadores do mundo inteiro a era do socialismo. Uma nova sociedade se estabeleceu sob o fogo da luta do proletariado russo, em estreita aliança com os camponeses, espelhados pelo regime czarista e os grandes senhores da terra. Terminou para sempre a exploração do homem pelo homem. Liquidou-se a miséria secular de milhões de homens sacrificados ao poder da burguesia. Povos oprimidos, atrasados e sofredores viram-se elevados, mercê da ajuda fraterna do proletariado revolucionário, ao nível de povos civilizados, iguais em direitos.

A Revolução Socialista de Outubro provou, na sua marcha ascendente na construção do socialismo e do comunismo, que os povos das mais variadas raças, de credos e línguas diferentes podem manter fraternais relações de cooperação e de amizade na edificação da sociedade socialista, se é abolida o sistema que lança nações contra nações, povos contra povos, provocando ódios e guerras, se é destruído o sistema ca-

(continua na pág. 6)

AVANTE NA LUTA POR AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS! CONTRA A POLÍTICA DE TRAIÇÃO NACIONAL DE SALAZAR

O aumento do custo de vida mais cruelmente sentido nos últimos cinco anos, assim como o acréscimo das dificuldades em todos os sectores da vida nacional mais directamente ligados à produção de bens de consumo popular, ao ensino, à cultura, às artes, à saúde, são o resultado da política de traição nacional imposta ao país pelos monopólios sem-pátria e seguida servilmente pelos sucessivos governos de Salazar.

A continuação de uma política de enfundamento aos imperialistas estrangeiros, de adesão a blocos agressivos e do pior colonialismo não fará senão agravar a situação existente. Qualquer possível melhoria aparente e temporária neste ou naquele sector não deverá iludir ninguém.

Uma política de blocos militares e de guerra é impeditiva do desenvolvimento económico e cultural do país

A participação de Portugal no agressivo bloco do Atlântico Norte já custou ao país cerca de 6 milhões de contos, sem qualquer benefício para o povo português.

Nos anos de 1950, o governo de Salazar gritava que se gastariam apenas 1 milhão e 500 mil contos; depois seriam 2 milhões e 500 mil contos. O Partido Comunista Português desmascarou através dos anos o carácter agressivo do Pacto do Atlântico e alertou a classe operária e o povo português para o preço enorme que ele viria a custar a quem trabalha e produz. Os 6 milhões de contos foram já atingidos e a verba continua a aumentar. Mais 200 mil contos para 1966.

O Pacto Ibérico, verdadeiro instrumento militar e repressivo contra os povos de Portugal e Espanha, durante anos reduzido a segundo plano, parece querer ressurgir agora adaptado às circunstâncias actuais. Das reuniões anuais dos Estados Maiores dos exércitos e forças repressivas, passou-se recentemente a manobras militares e navais muito dispendiosas para os povos dos dois países.

A ditadura reaccionária de Espanha e a ditadura fascista de Portugal, comandadas pelos imperialistas de Washington e de Bona, procuram, sem dúvida, uma contrapartida para as brechas abertas no Pacto do Atlântico com a saída da França, dando vida militar agressiva ao Bloco Ibérico. Daqui resultam novas e maiores despesas improdutivas que se traduzirão, por

sua vez, em vida mais cara e outras dificuldades para as massas trabalhadoras.

Só nos últimos dois anos com os chamados Serviços de Defesa e Segurança esbanjaram-se cerca de 15 milhões de contos. Em 1965, gastaram-se mais 720 mil contos em despesas militares do que em 1964

Mais pesados impostos sobre o povo laborioso para pagar a guerra colonial

Ao contrário do que muita gente simples pensa, não são os que têm muito aqueles que mais pagam. Directa e indirectamente são as massas trabalhadoras. Directamente, pela exploração desenfreada de

enquanto que em investimentos públicos se gastaram menos 670 mil contos.

Numa guerra colonial criminosamente condenada de antemão à derrota, (é um problema de tempo) apenas com as forças militares extraordinárias queimaram-se de 1962 a 1965 mais de 14 milhões de contos.

que são vítimas nas fábricas e nos campos, recebendo muitas vezes salários várias vezes inferiores ao produto do seu trabalho; indirectamente pelo encarecimento constan-

(continua na pág. 2)

A UNIDADE FORJA-SE NA LUTA ORGANIZEMOS A LUTA CONTRA A REPRESSÃO nem um só preso político para fora do continente

A larga unidade de acção democrática e nacional, indispensável para conduzir o povo português à vitória sobre a ditadura fascista e à conquista de um regime democrático, terá que assentar os seus alicerces na unidade da classe operária forjada na luta diária pelas suas reivindicações económicas, sociais e políticas, luta orientada para a perspectiva da conquista da li-

berdade política. A unidade que não assente nesta base não será a unidade de que se precisa para derrubar a ditadura fascista e instituir um regime democrático em Portugal.

Se se criam organizações do Partido e outras formas de organização de carácter legal e semi-legal entre a classe operária, nas empresas industriais e nos campos; se se

organiza ao mesmo tempo a luta pelas suas reivindicações e se marcha audaciosamente para diante, a classe operária forjará na prática a sua unidade, arrastará atrás de si as largas massas trabalhadoras da cidade e do campo reduzidas à miséria e à incultura pela ditadura fascista, realizará na prática a tarefa de unir em sua volta todos os verdadeiros democratas e patriotas, que aspiram a uma mudança revolucionária de governo e de regime.

Ajudar a classe operária a resolver esta grandiosa e patriótica tarefa orientando-a audazmente na luta e trabalhando firmemente para que se vençam todas as dificuldades, conforme as decisões e resoluções do VI Congresso do Partido e do seu Comité Central, colocando-nos corajosamente à frente da classe operária, eis a tarefa gloriosa de todos os membros do Partido, de todos os comunistas.

Mas se esta é a tarefa fundamental que a classe operária e o seu Partido. O Partido Comunista Português, tem ante si hoje, amanhã, e sempre, outras tarefas importantes e imediatas existem que podem interessar largas camadas da população e variados sectores democráticos e que são ao mesmo tempo susceptíveis de ajudar a romper caminho para a unidade de acção necessária ao derrubamento da ditadura e conquista da democracia.

Estão neste caso a organização

(continua na pág. 4)

A Reconversão Agrária APRESSA A LIQUIDAÇÃO DOS PEQUENOS E MÉDIOS CAMPONESES

Sobe de tom a propaganda fascista sobre a necessidade de introduzir alterações no panorama agrícola português. Para os grandes males que afligem a agricultura, os governantes salazaristas encontram a solução milagrosa: a reconversão agrária.

Vão libertar os pequenos e médios camponeses dos pesados impostos? Vão tomar medidas para baratear os adubos e insecticidas?

Não. Os governantes salazaristas vão tomar medidas mais eficientes para proteger os grandes agrários e capitalistas.

Após 40 anos de «Revolução Nacional» concluíram que a produção agrícola é insuficiente e que

o seu rendimento é baixo. Para remediar este mal resolveram acelerar as medidas de protecção aos grandes senhores da terra, com ajuda financeira, com auxílio técnico e outras medidas práticas que visam o alargamento da grande propriedade, em condições tais que permitam a melhoria dos processos de cultivo, um melhor rendimento destes pela aplicação da máquina em larga escala, pela introdução de novas culturas, pelo uso científico de fertilizantes e a selecção de sementes.

Os recursos financeiros do Estado e os serviços técnicos do ministério da Economia serão postos ao

(continua na pág. 5)



AVANTE NA LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIOS

UNIR! ORGANIZAR! LUTAR!

(continuação da pág. 1)
te dos artigos que consomem em cada dia. São de facto os impostos indirectos que mais dinheiro fornecem ao Estado.

Em 1965, eles atingiram 5 milhões 733 mil contos, ou seja, quase 1 milhão de contos mais que em 1964. Os impostos indirectos, que tombam fundamentalmente sobre as massas trabalhadoras, sofreram aumento substancial no ano corrente. O imposto profissional, que tomba também sobre quem trabalha, rendeu, em 1965, cerca de 300 mil contos, ou aproximadamente 100 mil contos mais do que em 1964. As magras bolsas da gente laboriosa da cidade e do campo são ainda mais esvaziadas para pagamento de descontos, taxas e alcaualas de toda a espécie para a organização corporativa, umas, para o Estado e Câmaras Municipais, outras.

Dado os baixos salários da grande maioria dos trabalhadores e os

baixos rendimentos da grande massa dos pequenos camponeses, só por si a infinidade de impostos e descontos que tombavam sobre eles, eram já bastantes para lhes fazer a vida cara.

A alta dos preços era já uma realidade reconhecida por todos, mas como o governo necessitava de mais dinheiro para queimar na guerra colonial, para consumir com compromissos bélicos derivados da participação de Portugal no agressivo Pacto do Atlântico para derreter, com manobras militares no âmbito do Bloco Ibérico, Salazar decretou no passado mês de Julho um novo e pesado imposto, dito de transacções, e com ele uma nova e real alta dos preços dos artigos de amplo consumo. Dado que são as massas trabalhadoras que fundamentalmente suportarão a nova carga tributária através dos artigos que compram, o governo de Salazar decretou de facto uma descida dos salários reais.

A POLÍTICA DE SALAZAR É CONTÁRIA AOS INTERESSES NACIONAIS

Os milhões de contos, arrancados às massas laboriosas e queimados para fazer face a uma política belicista na Europa, e de guerra aberta contra os povos das colónias portuguesas, vão em boa parte parar aos já atolhados cofres dos monopolistas sem-pátria através de fornecimentos ao Estado e de traficâncias de toda a espécie.

É numa tal política anti-nacional e anti-popular que devemos filiar, em primeiro lugar, o aumento constante do custo de vida e das dificuldades de toda a sorte com que se debatem a classe operária, as massas trabalhadoras, todo o povo laborioso de Portugal. É a uma tal política que se deve, em primeiro lugar, a falta de créditos

para a construção de estradas de escolas, de hospitais, laboratórios e seu apetrechamento.

Se todos são atingidos cruelmente pela política dos monopólios seguida por Salazar, todos, operários e camponeses, intelectuais e estudantes, pequenos e médios industriais e comerciantes, devem reforçar e alargar a luta contra os baixos salários, contra os impostos, contra a alta constante do custo de vida, por uma reforma do ensino progressista, pela liberdade de expressão, contra a guerra colonial, pela paz, pela democracia—pelo derrubamento da ditadura fascista de Salazar.

FORTUNAS FABULOSAS E LUCROS ACRESCIDOS AMASSADOS EM MISÉRIA E SANGUE

Fazendo rodar sem descanso o estafado disco da «defesa da integridade da Pátria», a camarilha salazarista pretende impingir como uma guerra justa, a guerra criminosa que conduz contra os povos de Angola, Moçambique e Guiné e contra os interesses do povo português. A «defesa da Pátria ameaçada», para Salazar e a sua camarilha outra coisa não é que a defesa dos lucros e das fortunas fabulosas (algumas de milhões de contos) de uma dúzia de grupos monopolistas ligados ao grande capital estrangeiro, amassadas na miséria das massas trabalhadoras da ci-

dade e do campo, e em muito sangue dos povos de Portugal e das colónias portuguesas. Para perseverar nesta situação, leva-se o ferro e o fogo às martirizadas terras de Angola, Moçambique e Guiné, onde populações inteiras são massacradas. Milhares de jovens soldados portugueses, fazendo uma guerra que não desejam, fazendo uma guerra que não é a sua, perdem a vida, ou ficam estropiados para sempre, ou são ainda transformados em assassinos profissionais, em defesa dos lucros e das fortunas dos monopólios ligados ao capital estrangeiro.

OS PATRÕES PODEM E DEVEM PAGAR MAIS

Em 1965, apenas 8 bancos tiveram de lucros líquidos confessados 504 mil 609 contos, 4 companhias de electricidade 221 mil 317 contos.

O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO, que em 1961 tivera de lucros 30 mil 914 contos, apresentou, em 1965, um lucro de 52 mil 829 contos, aumentando neste mesmo ano o seu capital de 250 mil contos para 400 mil contos (!). Por sua vez, o BANCO PINTO DE MAGALHÃES de 5 mil 671 contos de lucros, em 1961, passou para 12 mil 833 contos, em 1965. A CUF, cujos lucros são escondidos das maneiras mais escandalosas, elevou, em Dezembro de 1965, o seu capital para 1 milhão e 200 mil contos. Só, ou associada ao capital estrangeiro, constituiu novas

sociedades e constrói novas e importantes fábricas, cujo custo orga por muitas centenas de milhares de contos. Por sua vez os grandes bancos abrem filiais por toda a parte. A vida vai realmente bela para os tubarões da alta finança, da indústria e para os grandes senhores da terra e elas ligadas em grande parte.

Que significa isto? Significa, em primeiro lugar, que lucros tão elevados só foram possíveis porque aos trabalhadores não foi paga uma grande parte do trabalho que realizaram. Significa, em segundo lugar, que O PATRONATO PODE E DEVE PAGAR MAIS. Não o fará, porém, sem luta, luta organizada e audaz da classe operária e das massas trabalhadoras da cidade e do campo.

Na realidade a experiência ensina que se Salazar e os monopólios que tão bem serve não encontrarem pela frente a resistência activa e organizada dos trabalhadores, farão tombar sobre estes novas cargas tributárias e submetê-los-ão a uma exploração acrescida. O custo de vida não cessará de aumentar.

Os «esclarecimentos» dos ministros salazaristas através de discursatas e de largas entrevistas na imprensa, ao serviço dos monopólios, sobre as «brilhantes perspectivas económicas» do país, não conseguem encobrir a realidade tão duramente sentida nos lares dos trabalhadores, como não conseguem esconder que essas «brilhantes perspectivas económicas» outra coisa não significam para as massas trabalhadoras e camadas laboriosas da população se não novos e mais pesados impostos, uma maior exploração, novos e constantes aumentos dos preços dos artigos de amplo consumo, e paralelamente novas tentativas de congelamento dos salários e ordenados recorrendo o governo para isso a todas as formas de pressões, de intimidações e à repressão mais ou menos violenta.

A classe operária, todos os trabalhadores devem ter plena consciência desta realidade. Do governo dos monopólios sem-pátria dirigido por Salazar nada têm a esperar. Só pela luta cada vez mais bem organizada, cada vez mais firme, cada vez mais ampla, os trabalhadores podem impedir uma maior exploração e arrancar ao patronato e ao seu governo novos aumentos de salários para fazerem face ao aumento verificado no custo de vida e outras reivindicações. O receio de que o descontentamento que lavra entre os trabalhadores da cidade e

do campo se transforme em luta aberta, levará o patronato e o governo a anteciparem-se, a concederem aqui e ali pequenos aumentos, visando fundamentalmente com isso travar a luta e dividir os trabalhadores. Não compreender isto seria objectivamente atentar contra os interesses dos próprios trabalhadores.

Para impedir que a sua situação piore, a classe operária, todos os trabalhadores, só têm um caminho diante de si: a luta que deve ser, travada e desenvolvida sempre no maior espírito da unidade, organização, combatividade, e disciplina proletária.

Se é verdade que os seus problemas, como aliás todos os grandes problemas nacionais, só poderão ser resolvidos com uma mudança de regime e de governo, isto é, realizando e levando até ao fim a revolução democrática e nacional que o Partido Comunista Português definiu e defende, para já impõe-se que o proletariado do campo e da cidade organize nas empresas e nos sindicatos, nos campos e nas Casas do Povo, nos portos, no mar e nas Casas de Pescadores, a luta por aumento geral de salários.

Para já impõe-se que todas as classes e camadas da população, atingidas pela política anti-nacional dos monopólios ligados ao capital estrangeiro, se unam, organizem e actuem sem demora pela defesa dos seus interesses específicos e cada uma na sua respectiva frente de combate, e todas em perfeita coordenação, intensifiquem a luta por melhores condições de vida e de trabalho, contra os altos impostos, contra a carestia da vida, contra a política belicista e colonialista do governo de Salazar, pelo derrubamento da ditadura fascista.

Iniciativa e Tenacidade NA RECOLHA DE FUNDOS

A recolha de fundos para o Partido é uma tarefa indispensável. Sem fundos o Partido não pode viver, não pode publicar a sua imprensa, realizar a sua actividade, defender os quadros da repressão, organizar e orientar a classe operária nas suas lutas.

Estes factos devem estar presentes na mente dos militantes, dos simpatizantes do Partido, de quantos desejam a libertação de Portugal do domínio fascista.

A recolha de fundos exige iniciativa nos locais de trabalho para que os trabalhadores venham em socorro do Partido, como sempre fazem, ao sentirem-se nas necessidades do Partido. Exige acção e tenacidade para que milhares de portugueses e portuguesas, que simpatizam com a causa da Democracia e do Socialismo, ajudem financeiramente o Partido.

É necessário explicar e é necessário insistir. Explicar para convencer sobre a importância das ta-

refas do Partido, sobre a necessidade de um auxílio económico regular. Insistir para que se torne claro para cada amigo do Partido como a sua ajuda é preciosa, por pequena que seja e como se torna necessário fazer sacrifícios para que o Partido progrida, defenda os seus quadros e avance no caminho da luta, reforçando pela sua acção organizada, a luta comum contra o fascismo.

Se nas fábricas, nos campos, nas universidades, nos locais de trabalho, os militantes e simpatizantes do Partido multiplicarem os seus esforços, se se tornarem verdadeiros activistas na recolha de fundos, os homens e as mulheres que admiram a luta tenaz dos comunistas e a sua dedicação à causa do povo, corresponderão ao nosso apelo para uma maior ajuda financeira ao Partido.

Mais espírito de iniciativa e mais tenacidade na recolha de fundos! Milhares e milhares de portugueses podem ajudar o nosso Partido.

TRABALHADORES! MELHORAI A ORGANIZAÇÃO! REFORÇAI A ACÇÃO!

Na indústria da cortiça, na Mergem Sul do Tejo, instalam-se ritmos infernais de produção. Mais rendimento de trabalho, mais lucro para o patronato por salários de miséria. Igual regime na Aldemiro & Mira em Alhos Vedros, onde àquela se junta o sistema de castigos, na FEX, na Lisneve, na Sanders, onde o aumento da produtividade se chama trabalho à ficha.

Enquanto o ministro da Economia assinala que os salários se mantêm mais elevados do que o custo de vida, a realidade encarrega-se de desmentir as afirmações dos governantes salazaristas. Os preços crescem muito mais rapidamente do que os salários.

A batata passou de 2\$00 para 2\$60. O preço dos ovos oficialmente tabelado a 14\$00 e 16\$00 passou para 18\$00 e mais. O arroz vai aumentar \$30 e \$40 em quilo. A fruta subiu consideravelmente. O preço do peixe aumentou. O leite encareceu em várias cidades do país, nas mãos dos grêmios da Lavoura e de «Cooperativas» à maneira fascista. O imposto de transacções trouxe de um só golpe um aumento de preços que vai de 7 a 20 por cento.

A indignação cresce entre a classe operária. É necessário que os protestos se transformem em luta organizada, que os trabalhadores se unam e se concentrem diante da gerência das empresas, nos sindicatos e casas do povo, nos locais de trabalho, que criem os órgãos dirigentes de novas acções reivindicativas—comissões de unidade, sindicais e de classe,—e passem rapidamente à acção.

Acção firme e corajosa por melhores salários, contra a subida do custo de vida, pela renovação dos contratos colectivos, contra a falta de géneros, contra a guerra colonial, contra os ritmos infernais de produção, contra os castigos e despedimentos.

OS PESCADORES ALGARVIOS

DEVEM VOLTAR À LUTA

A greve de Abril de 1964 dos 10 mil pescadores do Algarve afirmou a unidade e o espírito combativo dos trabalhadores do mar e permitiu-lhes ver satisfeitas várias das reivindicações apresentadas.

Mas o contrato colectivo assinado nessa altura não corresponde às necessidades dos pescadores. Além disso existem novos motivos de descontentamento.

Podem os pescadores aceitar o embarque ao domingo, antes das 22 horas? Podem eles consentir que na divisão do pescado, o balde dos armadores seja maior do que o seu?

Com a mudança de mestres de traineiras o pessoal corre o risco de ser despedido, pelo menos em parte. Podem os pescadores admitir uma tal situação sem lutar contra ela?

Durante o defeso da sardinha, os armadores pretendem manter as mesmas condições de remuneração, embora sejam muito diferentes as condições de trabalho.

No período da safra, quando falta o pessoal os companheiros realizam o trabalho deste, mas é o armador

que recebe a sua parte. Podem os pescadores admitir este roubo?

Em vez dos calafates, são os pescadores que fazem a raspagem dos barcos. O salário que recebem não vai além de 20\$00. Devem eles aceitar uma tão baixa remuneração?

Não! Os pescadores não podem e não devem consentir que os exploram desta maneira.

Os pescadores devem lutar pelas suas reivindicações. Só a luta lhes permitirá ver satisfeitos os seus pedidos. Foi assim em 1964 e há-de sê-lo enquanto existir o fascismo e a exploração capitalista.

MELHORES SALÁRIOS

e melhores condições de trabalho PARA OS MINEIROS

Aljustrel, Louzel, Ugeirica, Jales, Peção, S. Pedro da Cova exprimem a exploração dos mineiros e as suas deploráveis condições de vida. No Louzel, salários de 44\$00 e 50\$00 por dia, trabalhando no fundo da mina para capitalistas estrangeiros. No exterior, 30\$00 e 38\$00, enquanto um chefe belga, trabalhando à superfície, ganha 13 e 14 contos por mês. Nas outras minas os salários não são melhores.

Em Aljustrel, lavra grande descontentamento. Os empresários belgas não estão dispostos a conce-

der aumentos. Em S. Pedro da Cova, o contrato colectivo data de 1961. Recentemente, os mineiros foram aumentados em 2\$50, ridícula melhoria que provocou a indignação do pessoal. As condições de trabalho não têm em conta a defesa da saúde e da vida dos mineiros. Em Agosto, morreu esmagado no fundo da mina, em S. Pedro da Cova, um jovem trabalhador e outro ficou gravemente ferido. O «médico» Porfírio de Andrade classifica de casos de tuberculose a existência de casos de silicose—doença profissional que rouba a vida a grande parte dos mineiros—para que a empresa não tenha que conceder reformas.

Capitalistas estrangeiros são donos das nossas riquezas. São eles em larga medida que impõem aos mineiros miseráveis condições de vida e baixos salários.

OS INDUSTRIAIS DE CONSERVAS TÊM DE NOS OUVIR

Não vamos continuar assim!—diz ao «AVANTE!» uma operária conserveira. Começa a ser demais. O pessoal está descontente e já o provou ao patronato. Em várias fábricas do Norte as operárias e operários uniram-se e recusaram-se a trabalhar depois das nove da noite. Dantes, ia-se até às duas da manhã e mais. Os industriais viram bem qual era a disposição geral e temeram-se. Quando chega às nove horas tudo pára.

Quando ao novo contrato colectivo e ao aumento, eles têm de nos ouvir. Esperar sem lutar, sem reclamar, sem insistir é esperar por sapatos de defunto. O «AVANTE!» tem razão: a espera nada resolve. O Partido Comunista está a ajudar-nos a vencer esta batalha.

CADA LEITOR UM CORRESPONDENTE

«AVANTE!» deve fazer eco, em escala crescente, dos mais importantes problemas da classe operária e do povo. Para tanto necessita de correspondentes, de homens e de mulheres simples, que nos enviem notícias sobre o que se passa nas empresas, nos campos, nos locais de trabalho, na vida nacional.

Três tarefas fundamentais

A reunião do Comité Central, em Agosto último, debruçou-se sobre problemas fundamentais da actividade do Partido, discutiu um conjunto de questões que se prendem com a sua actual situação orgânica, com as debilidades que se manifestam e tomou medidas práticas que se destinam a pôr-lhes termo.

Três tarefas essenciais surgem no conjunto das resoluções aprovadas: as tarefas que dizem respeito à organização, à defesa do Partido e às lutas de massas.

O Partido Comunista só poderá cumprir a sua função de vanguarda na medida em que a organização se alargue, estruturar e fortalecer, pela criação de novos organismos de base e de organismos intermédios, pelo reforço do trabalho orgânico, pela melhoria do nível político dos quadros, pelo recrutamento dos elementos mais sérios e combativos da classe operária.

O trabalho de organização surge, na presente conjuntura, como uma tarefa fundamental, que deve merecer a maior atenção de todos os militantes. Para que essa tarefa possa ser realizada com êxito é indispensável renovar e melhorar os métodos de trabalho, de controle, de organização, de promoção de quadros e outros. Sem militantes activos, empreendedores, capazes, armados da experiência do Partido, torna-se difícil alargar a organização. Melhorar a vida política da base do Partido e dos organismos intermédios, vencendo a inércia e a rotina, elevar o nível político dos órgãos de Direcção, por uma me-

lhor aptidão destes para a sua actividade dirigente, por um melhor conhecimento da situação da classe operária e dos problemas do Partido, por um mais seguro maneio da sua linha política, é fazer avançar o trabalho de organização, é dar cumprimento à orientação tarçada na reunião de Agosto pelo Comité Central.

Sem organização conveniente, sem vida política dos organismos do Partido, não pode ser levada à prática a linha política do Partido. A organização decide tudo.

Nas condições actuais e de acordo com as decisões da reunião de Agosto, os esforços de organização devem concentrar-se nos pontos fundamentais, evitando a dispersão, a rotina, o esquematismo, a falta de disciplina.

A defesa do Partido está estreitamente ligada ao trabalho de organização. Todos os esforços para alargar e estruturar o Partido serão inúteis se a actividade dos militantes não for acompanhada de correspondentes medidas de defesa, ligadas às condições locais ou do sector e tendo em conta a experiência da polícia e do fascismo.

O trabalho partidário paciente, firme, construído em bases seguras, permite que as organizações avancem, se estruturarem e se liguem às massas e se defendam com muito mais êxito das ofensivas policiais.

(continua na pág. 4)

PORTUÁRIOS!

aproxima-se a data do novo contrato

A greve dos portuários de Lisboa impôs aos armadores soluções que eles não queriam aceitar quando a luta começou. Mas ficaram por resolver problemas fundamentais, incluindo salários, subsídios, categorias e condições de trabalho.

É tática do fascismo adiar para manobrar, para castrar o espírito de luta dos trabalhadores, para dividí-los e lançá-los na inacção.

Aproxima-se a data em que o novo contrato deve ser elaborado.

O Partido Comunista pensa que é dever dos portuários de Lisboa exigir o cumprimento das promessas e definir de maneira precisa as reivindicações que desejam ver inscritas no novo contrato, tendo em conta que depois da assinatura do contrato provisório o governo decretou um aumento de 7 a 20 por cento sobre artigos de amplo consumo.

A UNIDADE FORJA-SE NA LUTA

(continuação da pág. 1)
de acções comuns contra a Censura, contra a repressão em geral e pela abolição das celeradas «medidas de segurança» contra a deportação de presos políticos para fora do continente.

UNIDADE PARA A DEFESA DA CULTURA

A Censura tem sido uma das armas mais poderosas de defesa da ditadura fascista de Salazar e por isso mesmo tem sido acima de tudo uma arma contra o povo português e contra Portugal. A cultura, a arte e a ciência no nosso país sofreram mutilações irreparáveis e atrasos de difícil recuperação. Os escritores, artistas e cientistas foram impedidos, quantas vezes pela violência, de contribuirem como desejavam e eram capazes, para o enriquecimento do património cultural e artístico da Nação e para o desenvolvimento da ciência.

Ao povo português tem sido vedada uma informação imparcial e objectiva sobre a vida e actividade de outros povos e mesmo do nosso próprio país.

A luta pela abolição da censura e pela liberdade de expressão do pensamento sendo uma luta em que deve estar mais interessada a intelectualidade progressiva, é do interesse dos democratas, de todo o povo e em primeiro lugar da classe operária.

Todos devem dar as mãos para conduzi-la até ao sucesso.

ACÇÕES COMUNS CONTRA AS MEDIDAS DE SEGURANÇA

As «medidas de segurança» são outra monstruosidade do governo fascista de Salazar. São uma criação de reaccionários que não se sentem seguros, são uma obra de quem vive no pavor de tombar do poder que construiu no opróbrio e sobre a miséria e sofrimento das massas laboriosas.

Sentindo-se sem apoio popular e cada vez mais batida na arena internacional, é na repressão violenta, na procura e aplicação de novos métodos monstruosos de

tortura que a camarilha salazarista se escuda e julga reforçar e prolongar o seu domínio. Mas, como soe dizer-se, quem semeia ventos só pode colher tempestades. É apenas um problema de tempo.

Nas condições actuais, a luta contra as «medidas de segurança» tornou-se uma tarefa de todos os democratas.

LUTA UNIDA CONTRA A REPRESSÃO

Depois de ter tentado implantar a pena de prisão perpétua através das «medidas de segurança», Salazar tenta agora implantar a pena de morte decretando a deportação dos melhores combatentes da classe operária, da democracia e da paz, para os longínquos e inóspitos campos de concentração em África.

À medida que aumentarem as dificuldades do regime e crescer o descontentamento popular e a luta directa e massiva contra a ditadura fascista de Salazar, mais esta procura lançar mão da repressão na tentativa de impedir que os diques da revolta popular se rompam e arrastem na torrente, Salazar e toda a

sua camarilha fascista.

Os problemas da luta contra a repressão em geral, contra a deportação dos presos políticos para fora do continente, pela abolição das «medidas de segurança» contra a censura e pela liberdade de expressão do pensamento, são problemas cuja solução só pode ser encontrada através da luta e da unidade activa e consequente de todos os verdadeiros democratas e anti-fascistas.

Para se obterem sucessos a curto prazo torna-se necessária como pão para a boca, a mais larga iniciativa dos militantes do Partido Comunista, dos homens, mulheres e jovens mais activos e esclarecidos politicamente, independentemente das concepções políticas e crenças religiosas que professem e da classe ou camada da população a que pertençam, junto de outros agrupamentos políticos democráticos e de outros militantes anti-fascistas, junto de outros patriotas, com vista a organizarem acções unidas por aqueles objectivos comuns a todas as forças democráticas e anti-fascistas e a todos os democratas portugueses.

NEM UM SÓ PRESO POLÍTICO PARA FORA DO CONTINENTE

Um apelo urgente a todos os democratas, a todos os patriotas, ao povo português! O governo salazarista prepara na sombra a deportação de alguns dos melhores combatentes anti-fascistas para os presídios das colónias.

A ameaça é clara, os objectivos estão definidos no recente decreto dos ministros da Justiça e do Ultramar, que sanciona o envio para os campos de concentração em África de presos em cumprimento de pena e de «medidas de segurança».

Estão em perigo vidas preciosas para a luta do povo português. Blenqui Teixeira, Pires Jorge, capitão Varela Gomes, Oclávio Pato, Dias Lourenço, José Magro, Aboim Inglês, José Bernardino,

Manuel Serra, centenas de anti-fascistas, alguns dos mais válidos e mais dedicados à luta pela Democracia, podem ser enviados para os campos de concentração em África, com o objectivo de submetê-los, aos processos da morte lenta.

O perigo é imediato. A acção é urgente. O povo, os democratas, os familiares dos presos devem estar mais do que nunca vigilantes e actuar desde já. Acção firme dos advogados, conjugada com a luta geral contra as deportações para os campos de concentração em África.

Novas e poderosas acções de protesto. Novas e amplas recolhas de assinaturas. Activas diligências das comissões de Amnistia em Portugal e no estrangeiro.

Campanha do Natal DOS PRESOS POLÍTICOS

Aproxima-se o Natal. Para os nossos presos políticos aproxima-se uma data em que particularmente se valorizam as alegrias de convívio humano, tão sentidas no meio prisional.

Apelo de assistência solidária, eis o que dirigimos a todos aqueles para quem a solidariedade humana é um sentimento consequente e actante; a todos os que sentem que a solidariedade política é um acto de coerência e de justiça.

Para os que vivem no isolamento de quatro paredes de uma cela, uma modesta lembrança, uma contribuição pequena que seja para o dia de Natal, tem um significado e um valor inestimável! Com esse fim cotizemo-nos nos locais de trabalho, de estudo, de convívio, procurando igualmente obter fundos que permitam às famílias necessitadas dessa ajuda, fazer face às despesas com as suas deslocações.

No dia de Natal e Ano Novo é a perspectiva de uma alegria única que enche o coração dos presos políticos: a visita em comum com os seus familiares.

Trabalhem para que essa visita lhes seja assegurada.

Organizemo-nos a Campanha do Natal dos nossos presos! Unidade! Iniciativa! Acção!

Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente, das 8 às 8,30 em 25 metros; das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros; e das 24,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros. Aos domingos, emissão dedicada aos camponeses, das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

AGRAVA-SE O ESTADO DE SAÚDE DOS PRESOS SOFIA FERREIRA DEVE SER LIBERTADA

O estado de saúde dos presos é motivo de novas preocupações. Os espancamentos e torturas, as longas incomunicabilidades, o ambiente de terror, a má alimentação, a falta de assistência médica, lesaram profundamente a saúde de vários presos.

Agostinho Soboga, José Carlos, Augusto Lindolfo, José Magro, António Santo tiveram de ser internados no hospital S. João de Deus.

Apesar da gravidade do seu estado, a PIDE quer transferi-los rapidamente para o Forte de Peniche.

Necessitam de internamento imediato, por decisão médica, Blenqui Teixeira, Afonso Gregório, Natália David, esta última com a pena

terminada.

É preocupante o estado de saúde do comum dos presos. Sofia Ferreira continua enferma, numa cela do Forte de Caxias, em condições prisionais que agravam o seu estado geral. Mulheres agentes da PIDE que exercem presentemente as funções de carcereiras tornam insuportável a vida diária das presas políticas que estão à sua guarda.

Sofia Ferreira tem a pena concluída. É de toda a urgência libertá-la. É um dever de todos os homens e mulheres da nossa terra, dotados de generosos sentimentos, juntarem os seus protestos à acção colectiva para salvar a vida dos presos políticos e devolvê-los à liberdade.

Três tarefas fundamentais

(continuação da pág. 3)

A defesa do Partido requer de cada militante uma verdadeira noção de disciplina, um combate ao espírito individualista, à irresponsabilidade, ao infantilismo revolucionário, ao esquematismo em matéria conspirativa.

«O C. C. considera — afirma o Comunicado da reunião de Agosto — que as dificuldades que o Partido atravessa não excluem, mas pelo contrário exigem da parte do Partido um grande esforço para orientar e organizar a classe operária e as massas populares na luta pelos seus interesses vitais imediatos, na luta contra o aumento do custo de vida, pelo aumento de salários, contra a guerra colonial, contra a repressão e pela amnistia, pela liberdade».

A preparação e desenvolvimen-

to das lutas de massas é uma tarefa fundamental da actividade dirigente do Partido, que deve merecer o interesse constante dos militantes para que avancemos no caminho da organização e da movimentação das mais amplas camadas populares, no caminho do levantamento nacional contra a ditadura fascista.

Organizar melhor o Partido, defendê-lo da repressão, desenvolver as lutas de massas pela defesa dos seus interesses, pela conquista da Democracia, significa assegurar ao Partido do proletariado a sua função de força fundamental na luta contra o fascismo, significa assegurar à classe operária e ao povo português a direcção política que lhes permite marchar adiante no caminho da revolução democrática e nacional.

os últimos acontecimentos na China

A NOSSA POSIÇÃO

As notícias que nos últimos tempos chegam da China provocam a mágoa e a indignação dos comunistas e dos trabalhadores de todo o mundo. Mágoa, por verem o perigoso curso dos acontecimentos, susceptíveis de pôr em jogo os resultados da grande revolução chinesa. Indignação, por verem até que ponto aproveita ao imperialismo a política dos dirigentes dum grande e glorioso partido e dum grande país socialista.

A posição do Partido Comunista Português em relação às dificuldades existentes no movimento comunista internacional foi sempre de extrema clareza. Refutando a seu tempo as teses esquerdistas e aventureiristas dos dirigentes chineses, sempre nos pronunciámos em defesa da unidade do campo socialista e do movimento comunista. Sempre nos pronunciámos pela igualdade e a independência dos partidos irmãos e contra a ingerência de um partido nas questões internas de outro. Sempre nos pronunciámos pela limitação da polémica ao terreno ideológico e mesmo pela suspensão da polémica, quando ela deu lugar a ataques grosseiros e a inqualificáveis calúnias. Sempre nos pronunciámos pelo debate franco e fraternal. Sempre nos pronunciámos pela necessidade de extrema paciência, com vista a que a própria vida ensinasse quem tinha razão e permitisse assim aqueles que erravam a rectificação do seu erro. Sempre nos guiámos pela ideia de que só o imperialismo, o inimigo de classe, os fautores de guerra, podem aproveitar com a falta de unidade do campo socialista e do movimento comunista internacional.

Por isso, trabalhamos para fortalecer os laços de amizade e cooperação do nosso Partido com os partidos irmãos e, como destacamento do grande movimento comunista internacional, sugerimos métodos e iniciativas, que constituíram uma contribuição construtiva dos comunistas portugueses para que as dificuldades pudessem ser vencidas.

Atitude semelhante foi a da quase totalidade dos partidos irmãos, a começar pelo Partido Comunista da União Soviética. Ao longo dos anos, o PCUS sofreu constantemente as mais grosseiras e caluniosas acusações por parte dos dirigentes do Partido Comunista da China. «Triação à revolução proletária e ao movimento nacional libertador», «conluio com o impe-

rialismo americano», «restauração do capitalismo na URSS», «traição ao povo do Vietnam»,—tudo quanto de pior os dirigentes chineses puderam inventar para tentar desacreditar o Partido de Lénine e o país dos Soviéticos, tudo inventaram e tudo espalharam pelo mundo numa frenética e copiosa propaganda. E, durante anos, perante tais calúnias, os comunistas soviéticos continuaram esforçando-se para melhorar as relações com a República Popular da China e com o Partido Comunista da China, insistindo na necessidade da unidade e trabalhando para ela.

Só os dirigentes chineses não quiseram aprender, nem com os esforços fraternais dos partidos irmãos, nem com os sucessivos desaires da sua orientação aventureirista, nem com o seu progressivo isolamento. Da forma mais grosseira, renovando e intensificando os seus ataques contra todo o movimento comunista e acima de tudo contra o maior baluarte da revolução mundial—a URSS,—repliram sistematicamente propostas fraternais visando uma maior cooperação com a URSS e os outros países socialistas e uma aproximação com os outros partidos irmãos.

De degrau em degrau, as ideias de hegemonia e de comando, os sentimentos nacionalistas e chauvinistas, foram-se sobrepondo aos ideais do internacionalismo e à consideração dos interesses do campo socialista, do movimento comunista, da causa dos trabalhadores de todo o mundo. De Mao Tse Tung fizeram um Deus. Como Deus é infalível, opuseram a fé, a intolerância, o fanatismo, aos desmentidos mais evidentes das «verdades eternas» apregoadas e à resistência daqueles que ousam reflectir e ajuizar.

Na sequência lógica desse processo de degradação política, a chamada «revolução cultural» é apenas a capa de uma violenta campanha que pretende erguer ao rubro no povo chinês o ódio à União Soviética e ao movimento comunista mundial, criar uma psicose de chauvinismo de grande potência, e levar a cabo uma ampla depuração dos muitos comunistas chineses que não aprovam a política anti-leninista dos dirigentes do Partido.

Mao Tse Tung e a sua equipa escolhem, para tal novo «salto» no caminho da divisão, um momento em que mais do que nunca se impõe a unidade do campo socialista, do movimento comunista e das forças anti-imperialistas para fazer victoriosamente frente à criminoso guerra conduzida pelo imperialismo norte-americano contra o heróico povo do Vietnam. Em vez de acedermos às propostas da URSS, do próprio Vietnam, dos partidos irmãos, para o estabelecimento de uma acção unida contra os agressores, elevam ao paroxismo a sua campanha contra a União Soviética e contra o movimento comunista. De tal orientação e de tais activida-

des só os agressores tiram proveito. Elas erguem núvens sombrias sobre o povo vietnamiano e geram novos e graves perigos para a nossa grande causa, que é também a causa do grande povo chinês.

Continuamos a pensar que a unidade do campo socialista (incluindo a República Popular da China) e a unidade do movimento comunista (incluindo o Partido Comunista da China) são imperiosa necessidade. Continuamos a pensar que existem razões objectivas para essa unidade. Continuamos a pensar que a guerra de agressão ao Vietnam impõe que a China una as suas forças e os seus esforços aos da União Soviética, de todo o campo socialista, do movimento comunista internacional. Continuamos a pensar que no partido Comunista da China há muitos marxistas-leninistas, que não deixarão de trabalhar para reconduzir o seu Partido ao justo caminho da cooperação e da unidade com os outros países socialistas e com o movimento comunista. Apesar do curso cada vez mais perigoso e nocivo da política dos dirigentes chineses, continuaremos pela nossa parte a defender que todos os esforços devem ser feitos para que a unidade possa ser restabelecida.

Ao ponto a que chegou a actividade dos dirigentes do Partido Comunista da China, não é fazendo silêncio sobre ela que se dá uma contribuição positiva.

SOLIDÁRIOS COM OS COMUNISTAS ALEMÃES

A ilegalização arbitrária do Partido Comunista Alemão, em Agosto de 1956, foi um rude golpe que os grandes monopolistas, por intermédio do governo federal, lançaram contra os dirigentes democráticos do povo alemão e contra a paz.

Guiados pelo seu ideal democrático e socialista, muitas vezes ao preço de enormes sacrifícios, os comunistas da Alemanha Ocidental continuaram a defender tenaz e firmemente a causa da classe operária e do povo do seu país. Após 10 anos de interdição ilegal, o P.C.A. não tem deixado de lutar por uma Alemanha unida, pacífica e democrática, contra a política militarista e bonavichista dos círculos governantes de Bonn, pelo reconhecimento dos dois Estados alemães, passo importante para a reunificação futura da Alemanha em bases democráticas e pacíficas.

Apesar de ilegalmente proibido o P.C.A. ganha cada vez mais autoridade entre a população, que vê com sérias preocupações a política do governo federal caminhar a largos passos para a ditadura e para uma nova guerra. Com efeito, defendendo os grandes interesses monopolistas, o governo da R.F.A. aspira ao uso das armas atómicas no seio da NATO, ambiciona a revisão das fronteiras actuais e apoia abertamente a agressão americana no Vietnam.

Para impedir a tempo os perigos da perigosa evolução desta política, o Partido Comunista Alemão dirigiu um apelo, por ocasião do 10º aniversário da sua interdição ilegal, aos operários, aos trabalhadores e a toda a população da Alemanha Ocidental para que apoiem o movimento a favor da suspensão da interdição ilegal do P.C.A..

O Partido Comunista Português, que luta nas duras condições de uma ditadura fascista, é inteiramente solidário da luta pela legalidade do P.C.A., contra o imperialismo e o militarismo, pelo reconhecimento dos dois Estados alemães.

A RECONVERSÃO AGRÁRIA

(continuação da pág. 1)

serviço dos novos planos de reconversão agrária.

Vão também os pequenos e médios camponeses ser beneficiados com estas medidas? O despacho ministerial é bem claro sobre o assunto: Só receberão ajuda aqueles que tiverem possibilidades técnicas e financeiras para introduzir profundas alterações nos seus métodos de cultivo.

Um exemplo esclarecedor: para auxílio aos produtores de milho híbrido exige-se uma área de cultivo não inferior a 3 hectares, a utilização de semente seleccionada e fornecida por entidades credenciadas pelo estado e em sacos selados, acompanhado da «apresentação de documento comprovativo da aquisição de semente e de fertilizantes em quantidades que correspondam, pelo menos, aos mínimos indispensáveis a uma adubação racional».

Através da reconversão agrária o governo procura fomentar a criação de cooperativas agrícolas. Pensa ele dar plena liberdade e facilidades aos pequenos e médios camponeses que participem nas cooperativas, conservando a autonomia destas? Pensa o governo conceder-lhes condições próprias para a industrialização e comercialização

dos seus produtos, fornecendo-lhes crédito a juro módico e a longo prazo?

Não. O governo pensa criar cooperativas que se integrem na organização corporativa, que estejam sob a directa dependência dos Grémios, Federações e Juntas, que o mesmo é dizer, dos grandes agrários e capitalistas. Tais cooperativas existirão nas regiões onde a produção agrícola possa permitir a obtenção de rendosos lucros para os grandes senhores da terra e funcionário como apêndices da actividade agrícola capitalista, enquanto esta estiver interessada na sua existência.

À política actual do fascismo, que tem esmagado impiedosamente milhares e milhares de pequenos e médios agricultores vêm juntar-se as novas medidas de reconversão agrária, que ajudarão os poderosos da terra a tornarem-se mais ricos e prepotentes e a imensa maioria dos camponeses a afundarem-se na miséria e no desespero.

Para combater uma tal política os camponeses devem unir-se, organizar-se e lutar.

Unidade dos camponeses para a defesa dos seus interesses.

Luta firme e consequente contra as medidas fascistas que lesam os pequenos e médios agricultores.

GUERRA

AOS PROVOCADORES

Vive em **Polvoreira**, onde tem uma taberna, o provocador **A. de Silva Júnior**, que em 1961 denunciou o camarada **Mário Sousa Lopes**, preparando com a colaboração da PIDE e da GNR o acto da sua prisão. Este agente policial trabalha em **Guimarães**, onde continua a sua acção provocatória.

MENSAGEM DO C.C. DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS AO C.C. DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA

Queridos camaradas:

O Comité Central do Partido Comunista Português, em nome de todos os membros do Partido, envia-vos as mais calorosas e fraternais saudações por motivo do 49º aniversário da Revolução Socialista de Outubro. Saudando o Partido Comunista da União Soviética, saudamos por seu intermédio todo o povo soviético, cujo trabalho criador deu vida à sociedade mais avançada, mais progressiva e de mais profundo desenvolvimento democrático jamais existente na história da humanidade.

As transformações profundas da situação mundial nos últimos 49 anos,—a derrota do fascismo na 2ª guerra mundial, revoluções socialistas vitoriosas, a criação do campo socialista, a derrocada do sistema colonial, os progressos do movimento operário nos países capitalistas,—estão estreitamente ligadas à existência e às vitórias do grande país dos soviets criado pela Revolução de Outubro. A Revolução de Outubro transformou e continua a transformar a face do mundo.

A solidariedade activa da União Soviética para com os trabalhadores ainda submetidos ao jugo capitalista é uma poderosa contribuição para a sua luta. Ao longo de 40 anos

de ditadura fascista, os comunistas e o povo de Portugal sempre têm contado com o apoio e a ajuda dos comunistas e do povo soviéticos. Reciprocamente, o povo soviético e o Partido Comunista da União Soviética podem também contar com a amizade e o apoio dos comunistas e da classe operária de Portugal.

A vitória de Outubro deu poderoso impulso à luta da classe operária em todos os países. Os exemplos e experiências dos bolcheviques russos educaram a vanguarda proletária dos países capitalistas e apressaram o processo de formação de numerosos partidos revolucionários. Tendo dado os primeiros passos no tempo de Marx e Engels, o movimento comunista mundial, armado com a teoria marxista-leninista, é filho da Revolução de Outubro e dos ensinamentos do Partido de Lénine.

Inspirada pela Revolução de

Outubro, a unidade do movimento comunista em torno do Partido Comunista da União Soviética e da grande União Soviética, está na raiz dos históricos progressos e vitórias da nossa grande causa. Hoje também a unidade do movimento comunista é necessária para assegurar um mais rápido progresso do campo socialista e novos êxitos na luta dos trabalhadores e dos povos oprimidos, para fazer recuar os agressores norte-americanos no Vietnam, para bater a recção, para desenvolver vitoriosamente a luta pela democracia, a independência nacional, a paz e o socialismo.

Que se reforce a unidade dos comunistas fieis aos ideais da Revolução de Outubro, fieis aos ideais do internacionalismo proletário! Que se reforce a cooperação de

todos os partidos irmãos com o Partido Comunista da União Soviética, dirigente do país que é a maior fortaleza da revolução mundial! Que se unam na acção todas as forças anti-imperialistas!

Viva o país dos soviets, pioneiro da revolução proletária, exemplo luminoso da sociedade nova libertada do capital, fortaleza dos trabalhadores e dos povos oprimidos do mundo!

Viva o Partido Comunista da União Soviética, artífice das vitórias do povo soviético, destacamento e vanguarda do movimento comunista internacional!

Viva a Unidade do movimento comunista internacional em torno dos ideais e em defesa das conquistas da Grande Revolução Socialista de Outubro!

O COMITÉ CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Viva a Revolução Socialista de Outubro

(continuação da pág. 1)

pitalista. A existência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas constitui uma prova inofismável dessa fraternidade de povos e nações diversas.

Sob o impulso da grande Revolução Socialista de Outubro o proletariado de vários países lançou-se ao assalto do poder. Durante a última guerra, o heroísmo e o poder militar do exército soviético ajudaram a Humanidade a libertar-se do pesadelo do domínio nazi. Sob o sacrifício de 20 milhões de mortos caídos na luta contra o poder hitleriano, a União Soviética pôde contribuir de maneira decisiva para a libertação da Europa, para a destruição do fascismo, para a reconquista da independência nacional de vários países, para o avanço do socialismo no mundo. Hoje, uma terça parte da Humanidade sacudiu a exploração da burguesia e constrói a sociedade socialista, enquanto o movimento revolucionário não deixa de crescer na sua luta contra o sistema capitalista e pela instauração da sociedade sem classes.

A Revolução Socialista de Outubro permitiu a criação do sistema socialista mundial, abriu o período da derrocada definitiva do colonialismo, favoreceu o desenvolvimento do movimento nacional de libertação, impulsionou a um nível superior os progressos do movimento operário em todo o mundo.

O eco da Revolução Socialista de Outubro despertou o maior entusiasmo entre os trabalhadores portugueses. A classe operária ganhou uma maior consciência. Um poderoso movimento de greves assinalou este período histórico em Portugal. O proletariado revolucionário português buscou novos rumos para a sua luta, criou os primeiros núcleos de combatentes de vanguarda que anunciavam a criação do Partido Comunista, o qual havia de organizar-se em 1921. A era do socialismo

utópico, sob a influência do anarco-sindicalismo, deu lugar à era do socialismo científico, do marxismo-leninismo.

Volvido quase meio século desde que os canhões do cruzador «Aurora» anunciaram ao mundo a nova era, o povo soviético e o seu glorioso Partido Comunista levaram a cabo uma obra gigantesca que elevou uma nação atrasada ao nível de grande potência, lançando-se audazmente na edificação do socialismo e marchando no caminho da construção da sociedade comunista.

No domínio da Ciência, da Técnica, do Ensino, nos múltiplos aspectos da actividade criadora do Homem, o sistema socialista demonstrou a sua superioridade sobre o sistema capitalista. A União Soviética foi a primeira a penetrar no Cosmos, a enviar homens para novas pesquisas no espaço, a lançar a primeira mulher a bordo de uma nave cósmica, a chegar à lua e a devassar-lhe os segredos.

Basteão poderoso da revolução socialista mundial, a União Soviética é o mais potente baluarte da paz, desempenhando um papel fundamental na política internacional e realizando uma política de coexistência pacífica com nações com re-

gimes sociais diferentes.

Força activa do socialismo triunfante, a União Soviética e o seu Partido Comunista aplicam na prática os princípios do internacionalismo proletário, reforçam os laços de cooperação e de amizade com os outros países socialistas na base da igualdade e do respeito mútuo, levam a sua solidariedade em todos os domínios ao Vietnam heróico, aos povos oprimidos em luta contra o sistema colonial e capitalista, ao mesmo tempo que combate incansavelmente os actos agressivos das potências imperialistas e em particular dos Estados Unidos.

«Tudo pelos trabalhadores, tudo para bem do povo», afirmou Lénine em 1918. Esse lema serve de fundamento a toda a obra realizada pela grande União Soviética, ao longo de 49 anos de regime socialista.

O significado do grande Outubro mantém-se vivo na fidelidade inabalável do Partido de Lénine aos ensinamentos do marxismo-leninismo, à unidade do movimento comunista internacional, pilares indispensáveis à luta do proletariado revolucionário e dos povos oprimidos, do desenvolvimento do socialismo no mundo.

solidariedade ao Vietnam heróico

Chamando à capital das Filipinas os seus pequenos lacaios sem libré, Johnson tinha a intenção de concertar com eles, os planos para a continuação da guerra do Vietnam. A «paz» proposta na conferência de Manila significa a presença dos algozes americanos em terra vietnamita, e a permanência dos fantoches de Saigão.

O heróico povo do Vietnam luta pela sua independência e não deporá as armas até que os agressores americanos sejam expulsos da sua Pátria.

Reforcemos a nossa solidariedade ao povo irmão do Vietnam. Mais acções de protesto nas fábricas, nos campos, nas Universidades, no país inteiro.

O POVO SOVIÉTICO AO LADO DO POVO DO VIETNAM

As inqualificáveis colónias anti-soviéticas destruir a amizade entre o povo soviético e o povo vietnamita, entre os comunistas soviéticos e os comunistas vietnamitas. Pelo contrário. A amizade entre os dois povos e os dois partidos dia a dia mais se reforça. O apoio e a ajuda da União Soviética ao heróico povo vietnamita na luta contra a bárbara agressão norte-americana, não pára de crescer.

Ainda recentemente, o jornal «NAN DAN», órgão do Partido dos Trabalhadores do Vietnam, isto é, dos comunistas da República Democrática do Vietnam, apreciava nos seguintes termos a ajuda soviética:

«O povo soviético encontra-se constantemente ao lado do povo vietnamita. Reforça sem cessar o seu poderoso apoio e a sua grande assistência ao povo vietnamita, para que este possa triunfar dos imperialistas e edificar o socialismo.»

«Na resistência contra os colonialistas franceses e na luta actual contra os imperialistas americanos, o povo vietnamita contou sempre com a aprovação, a assistência e o caloroso apoio do Partido Comunista, do governo e do povo da URSS.»

«Desde o princípio do último ano, ante a intensificação e a extensão da guerra de agressão ao Vietnam, a URSS definiu claramente a sua posição, que consiste em apoiar totalmente a justa luta do povo vietnamita, condenar resolutamente os actos agressivos e belicistas dos imperialistas americanos e denunciar a sua «paz» enganadora. As declarações comuns Vietnam-URSS publicadas em Fevereiro de 1965 por ocasião da visita a Hanoi de Kossighine, e em Abril de 1965 por ocasião da visita a Moscovo de Le Duan, primeiro secretário do Partido dos Trabalhadores do Vietnam, mostraram claramente a identidade de opinião entre o Vietnam e a URSS.»

Esta é a apreciação dos camaradas vietnamitas.

Entretanto, na sua histórica campanha anti-soviética, os dirigentes chineses acusam a URSS de «conluio com os Estados Unidos contra o povo vietnamita»!